

A estratégia do «requiem»

por José Cardoso Pires

«A notícia da minha morte foi um exagero» — *Mark Twain*, em telegrama da Europa à «Associated Press».

NUMA REPÚBLICA fechada, um Doutor das Letras goza de privilégios académicos e impõe à análise literária um certo estilo de prudências e certas limitações também prudentes que se reproduzem nas teses escolares. Na quase totalidade dos seus escritos é um juiz do panteão das letras, um mestre de classificações definitivas que, por isso mesmo, não dedica a sua erudição ao poeta, ou ao novelista que ainda circula no quotidiano comum e está vivo e ainda não mitificado pela morte. Um Doutor das Letras — chamemos-lhe assim — sabe talvez que em 1969 existe um *Living Theatre*, um Arno Schmidt; leu, possivelmente, alguns escritores não oficializados da sua terra, mas não se aventura sobre eles. Precisa de distância, de perspectiva histórica — como tantas vezes é uso argumentar. As trajectórias ainda em curso são-lhe suspeitas, susceptíveis de risco maior.

Mestre dos arquivos consentidos, este erudito procura os esquemas da infalibilidade de juízo. Para ele, a austeridade do estudo é refractária à hipótese e à imaginação, e as célebres palavras de Sérgio — hoje reconhecidas, ontem ignoradas — de que é preciso singrar com o horizonte aberto a todas as audácias da investigação jamais o tocam como um princípio essencial. Não. Por mais que se esforce, ele é um indivíduo marcado pelo autoritarismo; as trajectórias inacabadas ameaçam-no de contradições e põem demasiado em cheque o seu palpite e o seu gosto literário. O seu prestígio em suma.

Daí a fixação da morte, como meridiano de partida para a análise do escritor. Vejam: ele repousa, está dócil e moldável às recuperações que queiram fazer da sua obra. Agora, sim, passou a ter existência contemporânea. Expõe-se à lenda, é um presente intemporal, e já não compromete aqueles que o ousem tocar.

É isto a glória do escritor. Sol dos mortos, não dos vivos. E o elzevir necrófilo corre com largueza e desvanecimento. As sebtentas actualizam-se, as «academias dos generosos» vestem-se de vanguardismo, soletrando as experiências formais, ou os princípios, ou as sacriticadas irreverências que, ainda na véspera e durante anos, se mantinham sob tolerância. E tudo se passa em cheiro de bom-senso numa praça de letras cercada por barreiras de oceano e de

civilização. Mar de um lado, Europa do outro; no meio, ditando de palanque o julgamento da Literatura da sua (nossa) época, os historicistas de capelo, com uma caveira em cima da banca de trabalho. «Só sabem admirar os mortos!», dizia Puchkine.

Mas este vício, esta delimitação de coordenadas entre o provisório e o definitivo, não é apenas um esquema comodista de apreciação. Não traduz unicamente uma distorsão de perspectivas nem se limita a representar um tipo de dogmatismo pedagógico. É isso, e muito mais. Na medida em que se toma a morte (ou a consagração dos anos) como denominador necessário e como garantia da unidade de um escritor, está em causa uma concepção providencialista da História. Aceita-se, quer isto dizer, que o *Génio* necessita de configuração intemporal e que, independentemente dos estímulos e coacções do ambiente em que se gerou, uma obra válida terá, fatalmente, de se revelar e de ter a sua hora de justiça. Ao silêncio que se lhe votou em vida corresponderá a canonização *post mortem*.

Sabemos como o homem comum manifesta tantas vezes a sua generosidade sobre a memória do adversário. É da experiência dos séculos. Ao apagamento em que viveu o Poeta promove-se-lhe a fase do reconhecimento que o torna evidência pública. O *Index civil* abre tolerantemente as comportas, os mestres letrados dos diversos quadrantes da opinião debruçam-se dedicadamente sobre o cadáver...

Procede-se, então, à fase das recuperações convenientes. O formigar dos eruditos torna-se mais activo e as litânias de exaltação surgem de todos os lados da praça fechada. De todos, saliente-se. Não raro, a independência dos adversários leva-os a partilhar do acto de justiça póstuma, e com essa demonstração iludem o sectarismo com que ignoram os outros poetas.

Deste modo, encerrado no parentese final que lhe permite ser enquadrado num capítulo da Literatura, o escritor sofre as cumplicidades da morte. As investigações aceleram-se, a biografia é dissecada com vistas às apropriações de sinal contrário. A sombra de um grande defunto pode evocar-se o mediocre, na frase mais directa pode vislumbrar-se um sublinhado negativo — e eis as tão celebradas ambiguidades do génio a despontarem laboriosamente. El-lo envolvido em lenda e em fumos de heroísmo pelas impunidades que a morte facilita.